

DIA DA MULHER



**7 DE ABRIL DE
QUARTO ANIVERSÁRIO DA**

MOÇAMBICANA

No dia 7 de Abril de 1971, morreu em Dar-Es-Salaam, a Camarada Josina Machel, com 25 anos de idade. Esse dia foi proclamado e entrou na história de Moçambique como o Dia da Mulher Moçambicana.

Porquê um dia para a mulher moçambicana?



1975

MORTE DE JOSINA MACHEL

No contexto da vida nacional, a mulher foi e ainda é a maior vítima do colonialismo e da exploração. O mesmo sistema que oprimiu o homem moçambicano foi o mesmo sistema que oprimiu a mulher.

Todavia, devido a seculares preconceitos que a consideram inferior ao homem, incapaz de desempenhar certas tarefas, ela a mulher moçambicana, explorada também pelo homem, muitas vezes objecto de compra e venda, foi e continua vítima de uma sobre-exploração.

É natural, portanto, que tenha sido a maior vítima do colonialismo como dissemos atrás e de todas as suas sequelas desde o obscurantismo ao analfabetismo.

Porquê o dia da morte da Camarada Josina Machel para Dia da Mulher Moçambicana?

Quem foi *Josina Machel*

Quando pela primeira vez foi presa pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a Camarada Josina Machel contava dezanove anos. Era estudante e completara já o 4.º ano do Curso Geral do Comércio na Escola Comercial Dr. Azevedo e Silva, em Lourenço Marques. Estava integrada no grupo de estudantes nacionalistas que sentiam na carne e no espírito as perseguições de que eram vítimas nas escolas secundárias. Quase todos colaboravam ou eram membros do Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos, organização ligada ao Centro Associativo dos Negros de Moçambique e que teve como fundador o Camarada Eduardo Mondlane.

Daquele Núcleo de Estudantes saíram muitos jovens animados de espírito patriótico. Alguns foram presos e torturados pela PIDE. Outros lograram fugir para a Tanzânia (Tanganyka nessa altura), onde se filiaram na Frente de Libertação de Moçambique. Foi este o caso dos Camaradas Armando Guebuza e Mariano Matsinhe, entre outros.

A Camarada Josina Machel tomou parte em muitas campanhas de esclarecimento político, levadas a efeito

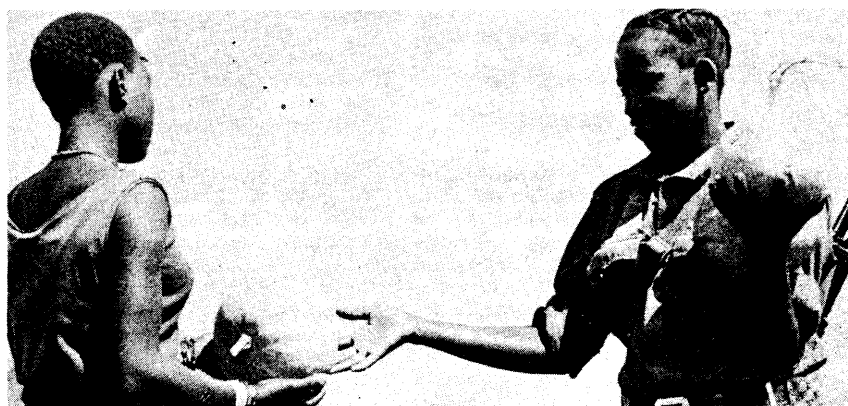


Josina Machel foi uma mulher engajada totalmente na Revolução. Militante na clandestinidade, duas vezes detida — uma pela PIDE e outra pelas autoridades britânicas — combatente, organizadora, companheira e esposa, ela representa a mulher consciente, representa a vitória sobre as amarras da tradição, simboliza a total abnegação em prol da Revolução.

No quarto aniversário da sua morte, Josina Machel continua a representar a imagem viva da mulher libertada, imagem brilhante que toda a moçambicana, nesta fase de reconstrução nacional e de endurecimento de fileiras contra o imperialismo, deverá tomar como incentivo para a sua colaboração e engajamento nas tarefas políticas e administrativas do país, na reconstrução nacional, no engrandecimento da Pátria.



JOSINA MACHEL



junto dos estudantes de Lourenço Marques e de João Belo, capital da província de Gaza.

A cerrada propaganda levada a efeito pela Frente de Libertação de Moçambique, antes do início da luta armada, propaganda que visava a mobilização política de Moçambique, fez com que centenas de moçambicanos abandonassem os seus lares para se integrarem na Frente. Dar-El-Salaam aparece na mentalidade dos jovens como o símbolo da liberdade.

Foi assim que a Camarada Josina Machel, juntamente com outros jovens nacionalistas, tentou atingir Dar-El-Salaam, seguindo para a Malvêrnia, vila moçambicana junto à fronteira com a Rodésia.

Prisão

Foi no mês de Março de 1964. A Camarada Josina Machel e seus companheiros, atravessaram clandestinamente a fronteira da Rodésia, e, sempre na clandestinidade, atingiram Victoria Falls. Os serviços secretos rodésios nos interceptaram-nos e trouxeram-nos de volta a Lourenço Marques, onde foram entregues à Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Victoria Falls, o local onde foram detidos, fica na fronteira entre a Zâmbia e a Rodésia e é lá que se

encontram as célebres cascatas do mesmo nome, formadas pelas águas do rio Zambeze. Uma ponte sobre o rio estabeleceu a comunicação entre a Zâmbia e a Rodésia. Teria sido apenas uma questão de atravessarem o rio, para terem atingido o seu objectivo.

A prisão da PIDE, situada no primeiro andar da Penitenciária Industrial — Avenida General Rosado (Polana) — começou assim a receber estudantes nacionalistas moçambicanos e nunca mais se verificaria pausa naquelas instalações macabras. Ali, a camarada Josina foi mantida numa cela disciplinar, incommunicável. Na Vila Algarve, sede da PIDE, foi sujeita a maus tratos e pressões psicológicas.

Não tendo conseguido intimidá-la com a sua brutalidade, a Polícia Internacional começou então a utilizar outros métodos. Procurou aliciá-la com promessas de bolsa de estudos em Lisboa. A camarada Josina Machel recusou ofertas, o que viria a demorar mais ainda os interrogatórios.

Entretanto, em muitos países progressistas, a FRELIMO começava a ser bem conhecida. A prisão daqueles jovens moçambicanos indignou a opinião pública desses países e em virtude de pressões recebidas, o Governo de Salazar vê-se forçado a ordenar à PIDE que solte os jo-

vens estudantes. Foi por isso que durou seis meses a prisão da Camarada Josina. Tudo dava a entender que o tempo de detenção duraria mais tempo. Foi solta em Agosto de 1964.

Neste ano, começa a ser célebre a Polícia Internacional e de Defesa do Estado, começa a ser sistematizada a perseguição aos estudantes e à população em geral, começa a ser bem organizada a máquina repressiva fascista e os nomes de Chico Langa e do Inspector Rodrigues tornam-se símbolos de opressão tal era o zelo que aqueles assassinos da PIDE punham no desempenho da sua porca missão. Chico Langa foi morto pela população aquando do 7 de Setembro em Lourenço Marques. Sobre os seus ombros pesava o assassinio de dezenas de nacionalistas.

Trabalho clandestino

No Natal de 1964, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado ficou surpreendida com acontecimento que viria a determinar a aceleração da organização daquela polícia desde o recrutamento de agentes ao estabelecimento de informadores em todos os locais de trabalho e de educação. No sul de Moçambique apareceram panfletos com os seguintes dize-

res: «SÓ AOS PONTAPÉS É QUE OS COLONIALISTAS PORTUGUESES ABANDONARÃO A NOSSA TERRA». A cidade de Lourenço Marques, particularmente, ficou inundada de tais panfletos, que levavam a assinatura da FRELIMO. O pânico espalhou-se entre os colonialistas que, não conseguindo detectar os autores da distribuição de tais panfletos, limitaram-se a montar uma mal disfarçada vigilância à volta daqueles que conheciam como nacionalistas, alguns dos quais já tinham sido presos como a Camarada Josina. De facto, esta campanha de propaganda levada a cabo sob a direcção da FRELIMO tinha a Camarada Josina como uma das dirigentes. Ela participara na distribuição de panfletos, apesar de saber bem o que lhe custaria tal acção, uma vez que era uma cadastrada nos arquivos da PIDE.

Sentindo o cerco fechar-se à sua volta, não teve outra alternativa senão tentar de novo a fuga. Foi o que fez, mas desta vez seguindo em direcção à Suazilândia, cuja fronteira atravessou clandestinamente e onde, juntamente com outros companheiros, havia de passar duros dias de privação e fome.

Vejam, porém, quais foram os reflexos no meio estudantil e qual a acção desencadeada pela PIDE: após a primeira prisão da Cama-



JOSINA MACHEL

rada Josina e seus companheiros.

Repressão

Os reflexos da prisão da camarada Josina Machel e de seus companheiros teve no meio estudantil de Lourenço Marques e João Belo um efeito que a PIDE não esperava. Vagas sucessivas de jovens procuram atingir a Tanzânia.

A repressão nas escolas secundárias tornou-se quotidiana, a perseguição ao Centro Associativo dos Negros e ao Núcleo dos Estudantes Secundários, uma constante. Quer o Centro quer o Núcleo viriam a ser banidos pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado no ano de 1965.

Entretanto, a fuga pela Rodésia torna-se cada vez mais difícil. A PIDE, em colaboração com a polícia secreta da Rodésia, monta uma vigilância permanente quer na fronteira quer nos comboios que faziam a ligação entre Lourenço Marques, Malvênia, Salisbúria e Bulawayo. Sucedem-se as prisões. A liberdade já não podia ser alcançada por aquela via.

Restava um outro caminho mais difícil, mais arriscado. Esse caminho passava pela Suazilândia. Se um nacionalista conseguisse atravessar clandestinamente a fronteira entre Moçambique e a Suazilândia poderia gozar meia liberdade, uma vez que o governo britânico concedia asilo político aos mocambicanos. A Suazilândia ainda não estava independente. Essa meia liberdade porém transformava-se em verdadeira prisão por causa da situação geográfica daquele país, que fica entre Moçambique e a África do Sul. A única possibilidade de se ganhar a liberdade completa seria atravessar a terra do «apartheid» em direcção ao protectorado britânico da Bechuanalândia, actual Botswana, daqui para a Zâmbia e depois Tanzânia.

Foi por esta via que a camarada Josina logrou atingir Dar-Es-Salaam. Todavia, não foi sem dificuldades que alcançou a liberdade. Atravessar a África do Sul de lés a lés, é o mesmo que meter-se na boca do leão. Tendo feito esse percurso sem novidade de maior foi, no entanto, presa na Bechuanalândia, pelas autoridades britânicas, em princípios do ano de 1965. Não tinha decorrido ainda um ano desde a sua primeira detenção.

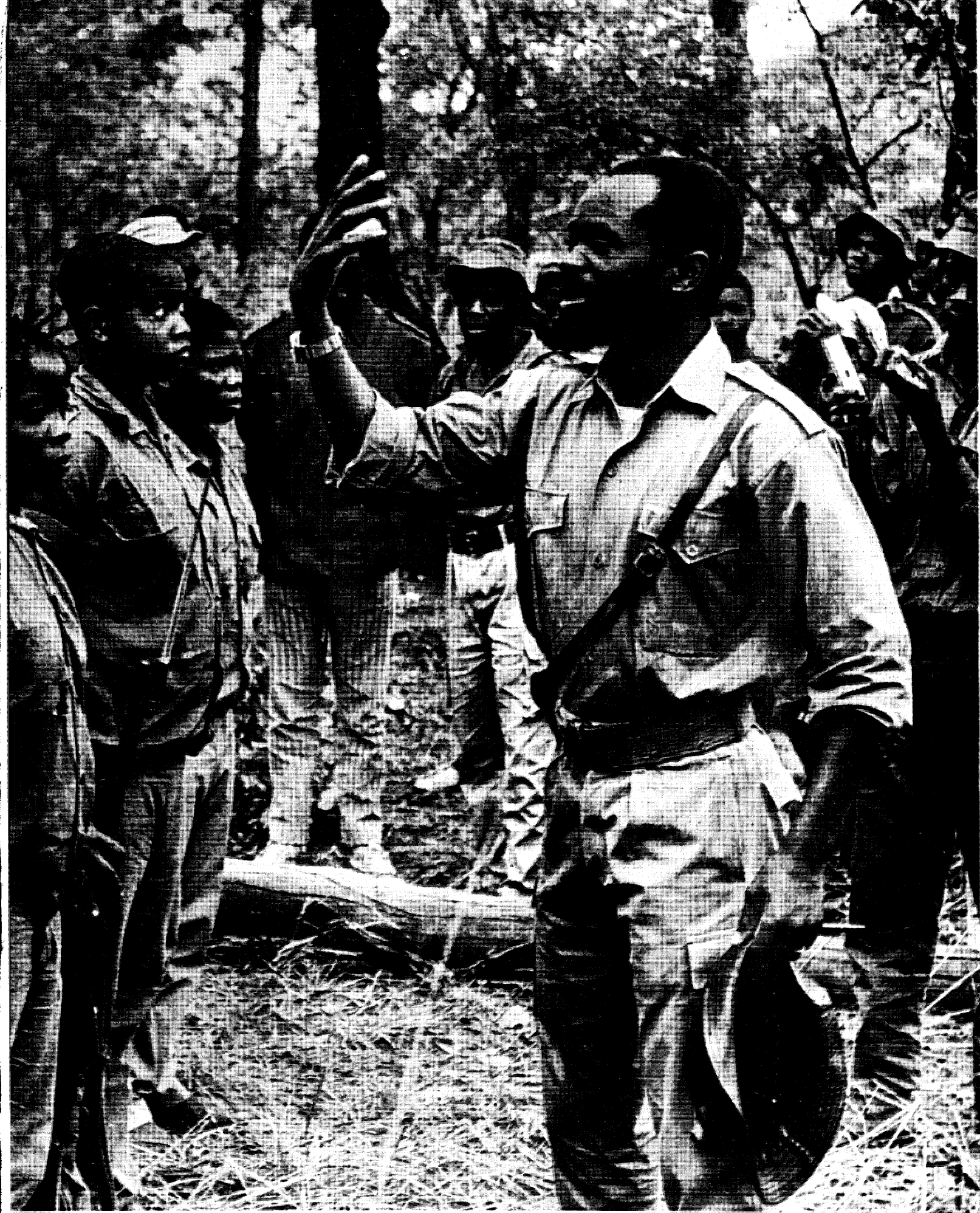
A camaleónica política inglesa

Esta prisão não é de estranhar, uma vez que a política inglesa em África foi sempre caracterizada por uma ambiguidade que visa defender os seus interesses neocoloniais.

Tendo sido um país colonialista (e no ano de 1965 havia muitos territórios sob o seu domínio), a Grã-Bretanha não estava em condições e nem podia defender interesses nacionalistas dos povos africanos. Os jovens que lograram chegar à Suazilândia, seu protectorado, passavam privações duras, eram constantemente vigiados, os campos de refugiados sofriam rusgas policiais constantes. Não admira pois que na Bechuanalândia, a Camarada Josina tivesse sido detida juntamente com todos os seus companheiros de fuga. Na biografia editada pela FRELIMO diz-se o seguinte sobre esta prisão:

«A Comissão de Descolonização estava reunida. O governo britânico foi denunciado, nessa reunião, da sua convivência com o colonialismo português e foi forçado a libertar todo o grupo, depois de o ter preso durante doze dias. Finalmente, em Maio de 1965, a camarada Josina e os seus camaradas chegaram à Tanzânia.»





Encontro com o camarada Mondlane

Era Presidente da FRELIMO o Camarada Eduardo Mondlane que impressionado com a vivacidade, espírito patriótico e vontade de servir o povo manifestado pela Camarada Josina encarregou-a, três meses após a sua chegada, de uma missão na Província do Niassa onde a luta andava acesa. Essa missão consistia na organização da educação política numa unidade de mulheres. Teve sucesso este trabalho que durou seis meses.

O seu espírito revolucionário ficou bem patente em toda a obra que realizou durante a sua vida. Nunca se poupou a esforços, nunca deixou de cumprir uma missão por estar doente, nunca deixou de ser a camarada que todos admiraram, homens e mulheres.

Passamos a transcrever o relato do seu trabalho, segundo a biografia que foi editada pela FRELIMO:

Uma militante e revolucionária activa

- 1— Em 1967 a FRELIMO propôs-lhe que aceitasse uma bolsa para continuar os seus estudos no estrangeiro. Ela pediu que em vez disso lhe fosse permitido filiar-se no Departamento da Mulher, que o Comité Central criara há pouco.
- 2— Em 1968 depois de ter terminado o treino político militar, foi mandada para a Província de Cabo Delgado.
- 3— Em Julho de 1968 foi delegada ao Segundo Congresso da FRELIMO, que se realizou na Província do Niassa. Teve uma importante actuação, particularmente na defesa do conceito de uma luta popular e, também na defesa da linha adoptada pelo Comité Central, em promover a emancipação da mulher.
Pouco depois foi-lhe dado um outro cargo, para que chefiasse a Secção da Mulher, no Departamento dos Negócio Estrangeiros.
Contribui decisivamente, ao aplicar a sua

decisão de chefe na reorganização dos problemas sociais de modo a responder aos difíceis problemas criados pela guerra colonialista. Foi uma das promotoras e organizadoras de orfanatos e tomou parte importante na reestruturação e desenvolvimento do Centro Educativo de Tunduru.

- 4— Em Maio de 1969, casou com o camarada Samora Moisés Machel que mais tarde foi eleito Presidente da FRELIMO em Maio de 1970.

O seu casamento, longe de a afastar da luta, foi um estímulo novo.

Realizou missões em várias Províncias, onde ao mesmo tempo promoveu a luta pela emancipação da mulher e a sua total integração na Revolução. A juntar às suas tarefas no interior, havia as do exterior, onde a voz da Mulher Moçambicana era ouvida através da Camarada Josina e onde contribuiu para a mobilização da solidariedade internacional para com a luta do nosso Povo e em particular da nossa Mulher.

O constante e exaustivo trabalho minou a sua saúde. Mas, apesar da gravidade da doença continuou os seus trabalhos. Em Setembro de 1970 participou na Segunda Conferência do Departamento de Educação e Cultura, onde falou contra as práticas tradicionais que oprimem a Mulher Moçambicana.

- 5— A 28 de Dezembro iniciou outra marcha através da Província do Niassa, desejando organizar orfanatos e desenvolver as actividades do Departamento da Mulher.
- 6— Em Fevereiro de 1971, tomou parte na Segunda Conferência do Departamento da Defesa. Discutiu e esclareceu métodos correctos para a eliminação de obstáculos que impedem a emancipação da mulher.
- 7— A 6 de Março, foi à Província de Cabo Delgado com os mesmos objectivos que a levaram ao Niassa.

A sua saúde deteriorou-se e foi forçada a aceitar ser levada para a Tanzânia. Fa-

leceu no hospital em Dar-Es-Salaam, ao alvorecer do dia 7 de Abril de 1971.

O seu espírito revolucionário em aceitar os sacrifícios, comoveu os médicos e camaradas que com ela estavam. Momentos antes de morrer disse-nos:

«Deixo atrás de mim duas preocupações, a Revolução e a minha família».

A sua morte privou a Revolução de um valor incalculável e privou a Mulher Moçambicana de uma líder esclarecida.

Mas o trabalho continua. Na FRELIMO, quando um camarada cai, outro carrega a sua arma e continua a luta.

Também dizemos com o nosso Presidente no poema que escreveu:

*As flores que caem da árvore
[vêm preparar a terra
Para que novas e mais belas
flores cresçam na estação se-
[guinte
A tua vida continua nos que
[continuam a Revolução.*

Um documento do Departamento de Defesa

Em 1972, por ocasião da passagem do segundo aniversário da morte da Camarada Josina Machel, os quadros do Departamento de Defesa da Frente de Libertação de Moçambique, emitiram o seguinte comunicado:

«Parece estranho comemorar-se a morte de alguém. Mas neste caso é importante fazê-lo, para que o nosso povo seja animado pelo exemplo da vida da Camarada Josina (...) na luta pela libertação nacional, para a construção de uma nova sociedade e, particularmente, pela emancipação e integração da Mulher na Revolução.... Os obstáculos criados pelos preconceitos reaccionários sobre a mulher, existentes na sociedade tradicional ou trazidos pelo colonialismo, começam a ser afastados pelo exemplo da Camarada Josina que protestou abertamente contra eles.... Por ocasião do primeiro aniversário da sua morte, o Departamento de Defesa deseja exprimir a sua profunda admiração e respeito pela coragem total, determinação e espírito revolucionário patenteados durante a vida pela Camarada Josina....»

O retrato de uma militante

Através de vários documentos publicados durante come-

morações da morte da Camarada Josina Machel, podemos reconstruir o seguinte retrato:

- «A camarada Josina Abiatar Machel era militante na luta de libertação do nosso país, sempre dedicada, corajosa e decidida». (Comité Executivo da Frelimo)
- «...foi sempre completamente dedicada à Revolução, corajosa com alta consciência política...» (Comité Provincial de Cabo Delgado)
- «...as actividades que ela empreendeu para a luta e o exemplo do comportamento, no qual ela colocou a Revolução acima de tudo, incluindo ela própria, fez dela uma heroína.... Ela morreu por causa do pesado trabalho que lhe minou a saúde.... A sua contribuição para a Revolução, o seu trabalho no meio do Povo e internacionalmente, chefiando a Mulher Moçambicana no caminho da sua emancipação e fazendo com que a sua voz fosse ouvida no estrangeiro, foi incalculável...» (Comité Provincial do Niassa)
- «...viveu e morreu para que Moçambique pudesse ser livre. Ela representa a coragem e dedicação, o glorioso espírito de luta da Mulher da FRELIMO. Ela não pertence apenas à FRELIMO. Josina pertence a todas as mulheres onde quer que se lute pela libertação.» (Mulheres do A. N. C.)

Vinte e cinco anos com tanto para dar

Quando morreu em Dar-Es-Salaam, no dia 7 de Abril de 1971, a Camarada Josina Machel contava vinte e cinco anos.

Nasceu em Inhambane a 10 de Agosto de 1945. Os seus pais encontravam-se a trabalhar naquela província. Antes de se matricular na Escola Comercial Azevedo e Silva fez a quarta classe em João Belo, cidade natal de grande parte da sua família. O seu nome de solteira era Josina Abiatar Mutemba.

Quando ocorreu a sua morte no dia 7 de Abril de 1971, o camarada Presidente Samora Machel, estava ausente de Dar-Es-Salaam, em missão de serviço.